



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Intercâmbio Myky-Negarotê: troca de saberes agroecológicos para BEM VIVER

Myky-Negarotê Exchange: Exchange of Agroecological Knowledge for Well Being.

FILARDO, Natalia¹ ; FERRAZ, Rodolfo²

¹ Conselho Indigenista Missionário – regional Mato Grosso (CIMI-MT), natalfloresta@gmail.com; ² CIMI-MT, rodolfo.madeira@gmail.com.

Tema Gerador: Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo

A conjuntura política, social e econômica do país é instável para todos os setores da sociedade, não menos para os indígenas. Com indignação registram-se atos de violência, de desrespeito aos povos indígenas e às culturas diversas. É uma realidade dura, sem mudanças favoráveis, uma luta constante em defesa dos territórios, dos direitos à saúde, à educação, ao Bem Viver. Paralelo a essa realidade, nós indigenistas do CIMI procuramos nos manter junto aos povos indígenas fortalecendo sempre a resistência e reivindicando a SOBERANIA DOS POVOS. Favorecendo a troca mutua de relações entre as nações que envolvem cultura, sementes, práticas, rezas, remédios, desafios e alianças. Promovemos a 4ª Oficina de intercâmbio de sementes e saberes, em continuidade às trocas de saberes agroecológicos, para fortalecer a discussão sobre Soberania Alimentar e, corroborar com a campanha permanente “Sementes Patrimônio da Humanidade”, da via campesina, entre os povos Myky e Negarotê.

Palavras-chave: Indígenas; Povos; Soberania, Política; Cultura.

Abstract

The political, social and economic situation of the country is unstable for all sectors of society, not least for indigenous people. With indignation are recorded acts of violence, disrespect to indigenous peoples and diverse cultures. It is a hard reality, without favorable changes, and a constant struggle in defense of territories, rights to health, education, Well Living. Parallel to this reality, we CIMI indigenistas try to keep us together with the indigenous peoples by strengthening resistance and claiming SOVEREIGNTY OF PEOPLE, always. Favoring the mutual exchange of relations between nations that involve culture, seeds, practices, prayers, remedies, challenges and alliances. We promoted the 4th Workshop on the exchange of seeds and knowledge, in continuity with the exchange of agro-ecological knowledge, in order to strengthen the discussion on Food Sovereignty and to support the permanent campaign “seeds of humanity”, of the Via Campesina, Seeds: Humanity Heritage”, of the way peasant, between the towns Myky and Negarote.

Keywords: Indigenous people; Peoples; Sovereignty, politics, culture.

Contexto

A aceleração da perda da agrobiodiversidade dos cultivos indígenas é um dano contra o patrimônio da humanidade. Os indígenas são os detentores desse patrimônio possuindo uma vasta quantidade de espécies cultivadas e que não foram estudadas



e talvez se percam antes mesmo de acontecer as pesquisas. Além disso, para fugir da atual crise do sistema alimentar sempre mais “intoxicado” torna-se cada vez mais urgente criar alternativas de fortalecimento da produção familiar agroecológica local, indígena ou não.

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), promove trocas de saberes agroecológicos para fortalecer a discussão sobre Soberania Alimentar e se preocupa com o monopólio das sementes. Ratificamos a campanha permanente “Sementes Patrimônio da Humanidade”, da Via Campesina, importante para fazer o contraponto às patentes das sementes.

É importante enfatizar sobre o perigo das sementes transgênicas e todas as ações provenientes de mega corporações multinacionais ligadas ao agronegócio, que tem como objetivo tentar controlar totalmente o “germoplasma” e as demais formas de manifestações da vida.

Por isso, fortalecer e intercambiar os saberes agroecológicos indígenas é primordial para o Bem Viver, pois são variados e demonstram ao sistema econômico vigente formas diferenciadas de se viver e de se relacionar no mundo e com o mundo. Estes saberes têm sido refutados pelo grande capital.

Consequentemente, a luta em defesa das sementes “varietais”, nativas e crioulas tornou-se emblemática da luta pelo direito à vida e à sua diversidade (CARVALHO, H. M., 2003).

Descrição da experiência

Estar junto às atividades de agricultura tradicional indígena, ou seja: a roça, é o principal método de trabalho e pesquisa-ação para se inserir de forma integral na comunidade Myky e em outras comunidades indígenas. Sendo a agricultura o ponto de convergência entre as comunidades, através da divisão dos afazeres, colaborando dos mutirões, participando ativamente das discussões políticas, tentando entender as relações trabalho/natureza/religião/cultura.

Estar presente, também cabe de acordo com a demanda solicitada pela comunidade assessorar onde for necessário para o fortalecimento da agroecologia que constroem o Bem Viver. “O Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, exige outra economia” (ACOSTA, A. 2016, p163).



A experiência aqui relatada foi a quarta troca de sementes e saberes realizadas em outubro de 2015. Da aldeia da comunidade Myky, situada no município de Brasnorte, rumamos à comunidade da Aldeia Nova Geração e Aldeia Nova Buriti, no município de Comodoro, etnia do povo Nambikuara-Negarotê.

A partir da referência de agricultura, nós indigenistas, propusemos junto à comunidade Myky, promover troca de sementes e saberes em outras comunidades indígenas, com o objetivo de trocar experiências, conhecimentos e técnicas, de forma participativa e coletiva. Sendo o assunto de interesse das partes envolvidas: a agroecologia para o BEM VIVER, promovemos as trocas de sementes com o objetivo de aumentar a variabilidade genética, analisar a conjuntura política e promover a vivência destas duas etnias, pois estão distantes devido à extensão do território e preconceito social.

Através de rodas de conversa, introduzimos as informações relevantes sobre agroecologia, perda de sementes, formas de armazenamento, queimadas descontroladas e analisou-se também a conjuntura política que ameaça os territórios indígenas.

Esse momento foi importante para trocar informações e estabelecer uma relação de confiança entre os participantes.

Após este momento, fizemos uma visita guiada pelos indígenas da comunidade nas áreas de agricultura local de algumas famílias.

Essa Metodologia de trabalho envolveu cerca de 30 pessoas que apresentaram algumas canções culturais, falaram sobre a importância da roça, contando seus respectivos mitos de origem. Notamos semelhança entre os mitos das etnias Myky e Negarotê, uma vez que os dois enterraram crianças para se transformarem em alimentos.

Resultados

Existem diferenças significativas na fitofisionomia da Aldeia Myky e da Aldeia Buriti, embora o território demarcado seja contínuo. A aldeia Buriti tem características de um Cerrado (Radam Brasil), eles têm o costume de fazer os cultivos nos vales, onde a mata é mais alta e é de transição para Floresta de Galeria. Enquanto na aldeia dos Myky, é um terreno plano onde a mata é alta, toda de floresta ombrófila densa, com características de Bioma da Amazônia. Essa foi uma observação constatada e importante pelos indígenas. Na aldeia do povo Negarotê fizemos um percurso de aproximadamente 4 quilômetros pelo cerrado para chegarmos a uma roça em uso, no vale, com muitos feijões, carás, bananas, mandiocas, ararutas compridas, milho, cabaças, abacaxis, entre outras variedades.



Foto 1: armazenamento de carás.



Foto 2: cacique João Mamaindê

Fonte: Filado, N.2015.

A roça é bastante diversa, característica dos povos originários, detentores de sementes antigas e melhoradas ao longo dos anos pelas suas experiências de cultivo. Uma diferença registrada pelo povo Myky e Negarotê é o modo de armazenamento das sementes de carás. Conforme a Foto 1, os Negarotê amontoam os carás e jogam folhas por cima, enquanto os Myky, enterram no chão protegidos por folhas até o próximo plantio. Os Negarotê não mencionaram problemas com animais silvestres como porcos, o que já acontece com frequência na aldeia dos Myky.



Foto 3: feijão negarotê seco.



Foto 4: Cultivo de mandioca.

Fonte: Filardo, N. 2015.

Ao retornarmos da roça nos reunimos para trocarmos saberes sobre as sementes, o poderio das mesmas, as dificuldades para o cultivo e seu armazenamento. Explanamos sobre o que são sementes transgênicas e seus riscos, falamos também sobre a extinção das variedades de milho, principalmente..



Os Negarotê trocaram sementes de: milho, feijões, cabaças, ararutas, carás, ramas de mandiocas, bananas e abacaxis. Os Myky levaram: tucum, assim como outras espécies de feijões, mandiocas, carás, batatas, cabaças e abóboras.

O tipo de roçado são exemplos de cultivos mistos, preparando para sistemas agroflorestais indígenas com técnicas ancestrais, pautada em conhecimentos astronômicos, climáticos e florísticos próprios.

Nas visitas às roças constatamos que o método de plantio é semelhante também entre as etnias, sendo a primeira parte, depois da escolha do local, a derrubada da mata, seguindo da queima da área, delimitada por um aceiro de contenção do fogo.

Quando inicia as chuvas, os plantios também se iniciam. A terra torna-se o banco de sementes, onde o verdadeiro mercado acontece.

Os conhecimentos indígenas estão se perdendo e/ou se modificando, por motivos variados como a própria dinâmica da cultura, pela voracidade do agronegócio, com a interferência das religiões, pela capitalização das aldeias, pela velocidade de comunicação, enfim, uma mudança: da idade da pedra lascada ao período pós contemporâneo em um breve espaço de tempo cronológico. Há confronto entre os mundos.

Esse movimento facilita a perda do conhecimento – saber – indígena de uma geração para outra, a exemplo prático disso é a perda, das sementes de uma colheita para outra; observado junto ao povo Myky, que em três anos extinguiu-se uma variedade de feijão preto.

Através dos relatos indígenas há lembrança de sementes que existiam na infância e hoje não se tem mais. Porém, embora essa ameaça seja permanente, a resistência e sobrevivência de muitas outras sementes são Resultados de técnicas eficazes de armazenagem e principalmente cultivo.

Nesta atividade foram constatadas pelos indígenas dos dois povos: 10 variedades de feijões, 5 variedades de milhos e 15 ramas de mandiocas diferentes.

Os povos indígenas são Fonte de saberes e conhecimentos, para a construção do Bem Viver, pois é preciso outro modelo de economia que se reencontre com a Natureza e atenda às demandas das sociedades, não às do capital.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer aos povos indígenas pelos exemplos de resistência e, também aos indigenistas, em especial à irmã Lourdes Christ que se dedicou também ao povo Nambikwara, a eles nosso agradecimento ao testemunho de vida e o compromisso com os povos.

Referências bibliográficas

ACOSTA, A. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia literária, Elefante. 2016.264p.

BRASIL. Departamento Nacional da Produção Mineral. Projeto RADAM BRASIL.1976. 220p.

CARVALHO, H. M. Sementes. Patrimônio da Humanidade. Expressão Popular, 2003.